

ELDADE MOREIRA MARCELINO

**AULA DE VIOLÃO NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS:
UM OLHAR A PARTIR DE PERRENOUD**

Tema: Práticas Interpretativas ao Violão

**Trabalho apresentado no I Simpósio Acadêmico de Violão da Embap
de 1 a 6 de outubro de 2007**

AULA DE VIOLÃO NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS: UM OLHAR A PARTIR DE PERRENOUD¹

Eldade M. Marceleino²

RESUMO: O artigo apresenta resultado de pesquisa de dissertação de mestrado a respeito da opinião dos professores-doutores que lecionam violão sobre suas práticas pedagógicas. Parte-se da lista de competências estipuladas por Phillipe Perrenoud e procede-se à contextualização de suas idéias para a aula do referido instrumento. Foi elaborado um questionário para os professores responderem e suas respostas são analisadas neste artigo.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Violão. Graduação

Conhecer como determinado profissional desempenha seu trabalho é no mínimo, para este autor, uma questão curiosa e interessante. A descrição feita por si mesmo ou a observação de outrem de sua atuação pode revelar não só seu *background* e *know-how*, como também aclarar seus interesses e pretensões para com seu objeto de trabalho. Por outro lado, aos olhos de um espectador, a visão sobre aquela profissão específica e seus processos internos é maximizada.

Embora tenhamos ciência da complexidade em fazer afirmações enfáticas, e também dos diversos processos de filtragem pelos quais um discurso trafega entre aquele que diz e aquele que ouve, consideramos válida a tentativa cautelosa de aprofundar informações sobre assuntos de nosso interesse.

Um dos termos mais utilizados na atualidade para conceituar o que acabamos de dizer é a palavra “competência”. Esta designação há muito tem sido utilizada por autores dos mais diversos campos do conhecimento humano. Observamos sua

¹ Trabalho apresentado no I Simpósio Acadêmico de Violão da Embap, de 1 a 6 de outubro de 2007.

² **Eldade M. Marcelio.** Mestre pela Campbellsville University. Professor de violão da Universidade Estadual de Maringá e da Escola de Artes de Chapecó.

aplicação em trabalhos na área da saúde³, recursos humanos⁴, direito empresarial⁵ e educação.⁶

No caso específico desta comunicação, nosso interesse consiste em apresentar os resultados da pesquisa de dissertação de mestrado sobre a atuação dos professores de violão nas universidades brasileiras. Desta forma, para nós, o termo competência está compreendido nos processos de ensino e aprendizagem do referido instrumento. Nossa pergunta de pesquisa foi: quais as competências necessárias para atuar como professor de instrumento (violão) educador?

Nosso objetivo geral foi averiguar quais as competências necessárias para atuar como professor de instrumento (violão) educador. Nossos objetivos específicos foram:

- conhecer como atuam em suas respectivas salas de aula os professores que possuem doutorado;
- conhecer a existência e utilização das competências na prática desses professores com base nas competências educacionais de Perrenoud.

Embora possa haver estreita similaridade entre as aulas dos mais variados instrumentos em diversos aspectos, nosso trabalho restringiu-se a considerar o professor de violão quando atua no curso de graduação em música por ser este um assunto de especial interesse para mim que sou professor deste instrumento. Elaboramos um estudo de caso com enfoque qualitativo, aplicado, descritivo no qual nos voltamos para a investigação das competências necessárias utilizadas pelos professores doutores que lecionam violão nas universidades brasileiras. A partir de um questionário respondido pelos professores, foi possível compreender as várias posturas e suas similitudes.

O registro mais antigo encontrado do emprego deste termo está na Bíblia Sagrada NTLH no livro de Êxodo capítulo 31 e versículo 3:⁷

1*-O Senhor Deus disse a Moisés: 2-Eu escolhi Bezalel, filho de Uri e neto de Hur, da tribo de Judá, 3-e o preenchi com o meu Espírito. Eu lhe dei inteligência, **competência** e habilidade para fazer todo tipo de trabalho artístico; 4-para fazer desenhos e trabalhar em ouro, prata e

³ MUNARI, Denize B. Características da competência interpessoal do enfermeiro: estudo com graduandos de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*. n.5 p. 484 a 487. Brasília: 2003.

⁴ RUANO, Alessandra M. *Gestão por competências: uma perspectiva para a consolidação da gestão estratégica de recursos humanos*. Rio de Janeiro: Qualitymark; São Paulo: ABRH – Nacional, 2003, 96p.

⁵ CRIPE, Edward J. *Profissionais disputados: as 31 competências de quem agrega valor nas empresas*/Edward Cripe, Richard Mansfield, trad. Elaine Pepe. Rio de Janeiro: Campos, 2003.

⁶ Congresso Nacional da República Federativa do Brasil. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº. 9394 de 20/12/1996*.

⁷ Trata-se da Nova Tradução na Linguagem de Hoje editada pela SBB – Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

bronze; 5-para lapidar e montar pedras preciosas; para entalhar madeira; e para fazer todo tipo de artesanato. [*Grifo nosso*]

Na introdução a este livro que a Bíblia de Estudo Almeida traz,⁸ comenta-se que este escrito data entre os séculos XIV e XIII a.C. Na sessão de Cronologia Bíblica, afirma-se que a peregrinação dos israelitas no deserto (época à qual o texto se refere) é entre 1440-1280 a.C. Muito embora estas datas sejam apresentadas nas duas referências como aproximadas e possíveis e não como absolutamente exatas, ainda se consiste na primeira e mais antiga referência à utilização desta terminologia que este autor pôde encontrar.

Um dos escritores que tem se dedicado a explorar este assunto das competências para lecionar/ensinar é Phillipe Perrenoud. Sociólogo e professor na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Genebra, seus escritos formaram o referencial teórico do trabalho gerador deste artigo. Para ele, só a noção de competência ‘merecia longas discussões’, mas a designa como “uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles”.⁹

Para Santos uma competência:

É uma qualificação construída numa rede de saberes-habilidades decorrentes de variados percursos de formação. Considerando a prática profissional e a velocidade do mundo contemporâneo, entende-se que uma rede de competências e saberes é sempre temporária.¹⁰

Oliveira diz:

Entende-se por competências o conjunto de saberes – saber-fazer, saber-ser e saber-agir – necessário, ao longo do tempo, para o exercício de uma profissão: a capacidade de uma pessoa para desenvolver atividades de maneira autônoma - as planejando, implementando e avaliando; a capacidade para usar habilidades, conhecimentos, atitudes e experiências adquiridas para desempenhar bem os papéis sociais, para realizar tarefas ou combinações de tarefas operacionais.¹¹

⁸ BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. Inclui introduções, notas de estudo, tabelas temáticas, mapas, concordância temática, dicionário, guia sinótico dos Evangelhos, cronologia bíblica e tabela de pesos, moedas e medidas. 1. Bíblia – Português. I. Título

⁹ PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1999.

¹⁰ SANTOS, Regina M. S. A formação profissional para os múltiplos espaços de atuação em Educação Musical. *Anais da ABEM*, n.ºX. Uberlândia: 2001, p. 41 a 66

¹¹ OLIVEIRA, Alda de Jesus. Múltiplos espaços e novas demandas profissionais na educação musical: competências necessárias para desenvolver transações musicais significativas. *Anais da ABEM*, n.ºX. Uberlândia: 2001, p. 19 a 40.

Assim sendo elaboramos um Estudo de Caso com enfoque Qualitativo, Aplicado, Descritivo. Os pré-requisitos que julgamos necessários na seleção da população foram os seguintes:

- a) Ser docente da disciplina de instrumento violão nos cursos de graduação e pós-graduação em música em quaisquer universidades do país;
- b) Ter o mais alto nível de titulação acadêmica. Na nossa visão confere ao participante reconhecida autoridade do conhecimento;
- c) Estar pré-disposto a participar da pesquisa (mesmo que a iniciativa tenha sido de outra pessoa convidando, no caso este autor, a participação seria voluntária e espontânea) ciente dos procedimentos éticos envolvidos: fidelidade na transcrição da opinião dada e anonimato;
- d) Não estar participando diretamente deste trabalho como, por exemplo, na orientação.

Através da Plataforma Lattes, descobrimos quinze professores com o perfil que acabamos de mencionar, destes, onze participaram da nossa pesquisa feita através de questionário enviado por e-mail. As perguntas do questionário foram extraídas do livro “As dez novas competências para ensinar” de Phillippe Perrenoud.¹² Os capítulos, títulos e subtítulos que utilizamos são os seguintes:

I - Organizar e dirigir situações de aprendizagem.

- I a – Conhecer, para determinada disciplina, os conteúdos a serem ensinados e sua tradução em objetivos de aprendizagem.
- I b – Trabalhar a partir dos erros e dos obstáculos à aprendizagem.
- I c – Construir e planejar dispositivos e seqüências didáticas.
- I d – Envolver os alunos em atividades de pesquisa, em projetos de conhecimento.

II – Administrar a progressão das aprendizagens.

- II a – Conceber e administrar situações-problema ajustadas ao nível e às possibilidades dos alunos.
- II b – Adquirir uma visão longitudinal dos objetivos do ensino.

¹² PERRENOUD, Phillippe. *As 10 Novas Competências para Ensinar*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

II c – Observar e avaliar os alunos em situações de aprendizagem de acordo com uma abordagem formativa.

III – Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho.

III a – Suscitar o desejo de aprender, explicitar a relação com o saber, o sentido do trabalho escolar e desenvolver na criança a capacidade de auto-avaliação.

III b – Favorecer a definição de um projeto pessoal do aluno.

IV – Participar da administração da escola.

IV a – Elaborar, negociar um projeto da instituição.

IV b – Competências para trabalhar em ciclos de aprendizagem.

V – Utilizar novas tecnologias.

V a – Utilizar as ferramentas multimídia no ensino.

VI – Administrar sua própria formação contínua.

VI a – Estabelecer seu próprio balanço de competências e seu programa pessoal de formação contínua.

A respeito da questão numero um, organizar e dirigir situações de aprendizagem, nosso interesse era descobrir que tipo de relacionamento o professor entendia ser mais produtivo estabelecer com o aluno, se mais voltado para o ‘eu oriento, você executa’, ou se ‘vamos pensar juntos a respeito disto’. Descobrimos que apenas um professor prefere um relacionamento mais associado à idéia do ‘eu falo, você faz’ que remete a uma pedagogia de cunho mais conservador e tradicional.

Os demais preferem apresentar e discutir os conteúdos, seja a relação teoria/prática, ou o repertório. Este perfil do professor que apresenta e discute os conteúdos com o aluno, ou seja: que ORIENTA a construção de conhecimento, encontra embasamento em vários autores como: Lampert¹³, Oliveira¹⁴ dentre outros.

A pergunta nº. 2, ensinar a partir dos erros e dos obstáculos à aprendizagem apresentados pelo aluno, oito dos entrevistados responderam ser possível, dois não responderam e um disse não ser possível.

A terceira pergunta que se refere ao que seria uma boa seqüência didática nas aulas de violão, nove dos participantes responderam que usam dois procedimentos:

¹³ LAMPERT, Ernani. *Universidade, Docência e Globalização*. Porto Alegre: Sulina, 1999, 188p.

¹⁴ OLIVEIRA, Alda de Jesus. Múltiplos espaços e novas demandas profissionais na educação musical: competências necessárias para desenvolver transações musicais significativas. *Anais da ABEM*, n.ºX. Uberlândia: 2001, p. 19 a 40

propõem ao aluno que estude repertório com grau de dificuldade progressiva e também que os alunos escolhem o que tocar baseados em seus próprios gostos e interesses.

Quando questionados na pergunta quatro se a função do professor vai além da sala de aula incentivando e envolvendo o aluno em atividades além da performance, os onze participantes unanimemente responderam que sim.

Se os professores concebem e administram “situações-problema” em suas aulas, sete dos participantes responderam que sim. Explicou-se sobre o termo “situação-problema” como sendo uma espécie de “objetivo-obstáculo” proposto pelo professor para o aluno resolver.

Sobre a visão longitudinal dos objetivos do ensino de violão, propusemos dois aspectos: um era sobre prever o desempenho do aluno desde o semestre, ano e ao todo de um curso de graduação, que em média tem a duração de quatro anos, e o outro era observar esta visão longitudinal a partir das tendências musicais do aluno. Dos onze entrevistados, dois preferiram a primeira proposição, três optaram pela segunda, e os outros seis assinalaram as duas.

A pergunta sete foi se a avaliação é parte do processo ensino-aprendizagem e dez dos respondentes afirmaram que sim.

Sobre os processos de avaliação (questão oito) descobrimos que seis dos participantes responderam avaliar o aluno constantemente aula após aula observando seu rendimento.

Na pergunta nove, todos os onze responderam que estimulam o aluno a se auto-avaliar.

Para a décima questão, se é parte da tarefa do professor favorecer a definição de um projeto pessoal do aluno, descobrimos que nove acreditam que sim.

O assunto da pergunta onze era se o professor dirige/elabora projetos na instituição onde leciona. Nove dos questionados responderam que sim.

A pergunta doze foi se é importante que a aula de violão estabeleça relações com as outras disciplinas, como contraponto, harmonia e análise. Nove responderam sim, um respondeu sim e não, e um respondeu não.

Quando perguntados se utilizam alguma ferramenta multimídia em suas aulas, cinco responderam que não e seis afirmaram que sim.

A questão nº.14 procurava saber se o professor costuma fazer um balanço/auto-avaliação de seu desempenho e nove deles afirmaram que sim.

A pergunta nº. 15 questionava se o professor entendia ser importante continuar investindo na própria formação mesmo tendo já concluído o doutorado e os onze afirmaram que sim.

Deixamos uma última questão em aberto, nº. 16, para o professor fazer os comentários que julgasse relevantes, ou falar sobre tópicos que não abordamos. Dos quatro que utilizaram do espaço, transcrevemos dois:

- 1 - Apenas um comentário sobre novas tecnologias: como todas as tecnologias há sempre o risco muito grande de nos perdermos em meio ao turbilhão de novas tecnologias empurradas para o consumo forçado pelas mais diversas corporações. Podem servir muito bem se utilizadas apropriadamente sem perder o contexto no qual são empregadas, mas que no fundo, no fundo não substituem a criatividade e a imaginação. Talvez por isso Bach, Beethoven, Villa-Lobos e outros persistem em subsistir em meio a uma cultura cada vez mais dependente tecnologicamente.
- 2 - Faltou tratar aspectos relacionados à anatomia, fisiologia, ergonomia e problemas de saúde causados pela falta de orientação correta na performance.

Chamou-nos a atenção o interesse demonstrado pelos professores em participar do nosso trabalho. Entendemos que isto implica necessariamente em alguns aspectos. Um deles é que falar de suas práticas é a maneira mais clara de se expor e contribuir para o crescimento e para enriquecer a informação e a pesquisa sobre este universo que é o ensino de violão. O segundo, e não menos importante, é que esta abertura permite concluir que o debate em torno deste instrumento, mesmo que esteja menos avançado que aquele em torno de outros, encontra-se absolutamente aberto.

Ter a oportunidade ainda que tímida de conhecer a prática pedagógica dos professores doutores que lecionam violão, sem dúvida foi uma maneira muito particular de confrontar-nos com as nossas visões e conceitos, às vezes, confirmando e por outras revendo e repensando nossos posicionamentos sobre esta atividade profissional.

Também nos impressionamos em como o aspecto humano é valorizado e tem espaço garantido nas aulas haja vista as respostas dos professores sempre levando em consideração a importância de discutir com o aluno e de dialogar com o intuito de despertar nele elementos importantes como o senso profissional, a auto-crítica, a importância de trabalhos artístico-culturais de cunho social, o estímulo à leitura e a assistir performances, além de muitos outros. Podemos afirmar categoricamente que, para um bom desempenho das aulas por parte do professor e um rendimento satisfatório do aluno, uma boa comunicação, a simpatia e a empatia mútuas são determinantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Aristides J. *A competência criminal da justiça federal de primeira instância*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1978.

_____. *BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. Inclui introduções, notas de estudo, tabelas temáticas, mapas, concordância temática, dicionário, guia sinótico dos Evangelhos, cronologia bíblica e tabela de pesos, moedas e medidas. 1. Bíblia – Português. I. Título

_____. *BÍBLIA SAGRADA: Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2000. Inclui vocabulário, conteúdo da Bíblia, palavras de orientação e consolo, o que a Bíblia diz sobre o perdão de Deus e Mapas. 1. Bíblia-versão Linguagem de Hoje. I. Título

_____. Congresso Nacional da República Federativa do Brasil. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº. 9394 de 20/12/1996*.

CRIFE, Edward J. *Profissionais disputados: as 31 competências de quem agrega valor nas empresas*. Rio de Janeiro: Campos, 2003.

LAMPERT, Ernani. *Universidade, Docência e Globalização*. Porto Alegre: Sulina, 1999, 188p.

MUNARI, Denize B. Características da competência interpessoal do enfermeiro: estudo com graduandos de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*. No.5, pp. 484 - 487. Brasília: 2003.

OLIVEIRA, Alda de Jesus. Múltiplos espaços e novas demandas profissionais na educação musical: competências necessárias para desenvolver transações musicais significativas. *Anais da ABEM*, n.ºX. Uberlândia: 2001, pp. 19 - 40.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. *As 10 Novas Competências para Ensinar*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ROPÉ, Françoise; TANGUY, Lucie. *Saberes e competências: o uso de tais noções na Escola e na empresa*. São Paulo: Papirus, 1997

RUANO, Alessandra M. *Gestão por competências: uma perspectiva para a consolidação da gestão estratégica de recursos humanos*. Rio de Janeiro: Qualitymark; São Paulo: ABRH – Nacional, 2003, 96p.

SANTOS, Regina M. S. A formação profissional para os múltiplos espaços de atuação em Educação Musical. *Anais da ABEM*, n.ºX. Uberlândia: 2001, pp. 41 – 66.